

O PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE JOÃO CABRAL EM PORTUGAL¹

SOLANGE FIUZA*

RESUMO

Este artigo, apresentado originalmente como conferência a um público estrangeiro, acompanha o processo de canonização do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto em Portugal. Para isso, recupera parte significativa da recepção crítica portuguesa de Cabral e levanta outras informações que ajudam a entender a sua institucionalização nos anos 1960. Por fim, lembra críticos contemporâneos da poesia cabralina e indaga sobre a recepção futura dessa poesia considerando o atual contexto de ensino da literatura brasileira em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto, Recepção crítica, Crítica portuguesa, Cânone, Diálogos luso-brasileiros.

Minha proposta é falar sobre um poeta que ocupa, ao lado de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, o coração do cânone da poesia brasileira. Isso pode ser significativo em termos de Brasil, mas não o é quando se tem em mira o chamado cânone ocidental. Nesse patrimônio de palavras, que os brasileiros também reivindicamos como nosso, a literatura brasileira ainda ocupa, quando ocupa, um lugar bastante acanhado. Por isso, acompanhando algumas listagens canônicas de obras representativas da literatura ocidental, experimentamos, muitas vezes, a estranha sensação de que talvez os brasileiros não sejamos ocidentais. Outras vezes somos tomados por uma grande satisfação ao descobrir, numa obra crítica estrangeira de maior abrangência e penetração, a presença de um Machado de Assis ou de um Drummond. Lembro-me, nesse sentido, do meu entusiasmo e do entusiasmo dos meus colegas de doutorado quando, em 1996, lemos a

* Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, Brasil. E-mail: solfiuza@gmail.com

versão em espanhol de *La verdad de la poesía*, de Michael Hamburger, e descobrimos que o autor, ainda nos anos 60, havia lido, e bem, Carlos Drummond de Andrade.

Atendo-me, entretanto, ao sujeito da minha fala, tratarei do processo de canonização de João Cabral de Melo Neto em Portugal, o que se cumpre num momento de diálogo fecundo entre a intelectualidade portuguesa e a brasileira e com resultados que só beneficiaram as literaturas dos dois países.

Ainda que um cânone literário se componha de livros, ele se constrói a partir da leitura desses livros. Assim, a história da canonização de um escritor é também a história das leituras da obra desse escritor, é sobretudo a história de como essa obra foi lida pelos críticos especialistas e pelos escritores-críticos. Nesse sentido, a narrativa sobre o reconhecimento de João Cabral pela crítica portuguesa poderia começar com a recuperação de um artigo de Vitorino Nemésio sobre *O engenheiro*² [1945], publicado no *Diário popular* de Lisboa, em 1949, sob o título “Poesia ‘engenhosa’”.

Quando saiu a crítica de Nemésio, Cabral já havia publicado *Psicologia da composição* [1947], livro em que se define plenamente seu *modus operandi*, mas o crítico não demonstra ter conhecimento dessa obra, talvez até em função de seus exemplares limitados, feitos pelo próprio poeta em sua prensa manual, com o selo editorial O Livro Inconsútil. No artigo, Nemésio (1949, p. 5) diz tratar “de um poeta estreado em 1941 e que conta, até a presente recolha de poemas, três livros”. Mas ele se refere, ao que tudo indica, ao ensaio *Considerações sobre o poeta dormindo*, de 1941, e a *Pedra do sono*, de 1942, dados que acompanham a informação sobre o autor na primeira edição de *O engenheiro*.

Segundo Nemésio (1949), o sistema poético “engenhoso” de Cabral é fruto da engenharia triunfante dos tempos modernos, personificada no heterônimo engenheiro de Fernando Pessoa. Situando Cabral em um momento de acalmia no contexto de “desculturalização” e “desumanização” das vanguardas, diz Nemésio (1949, p. 5) que quanto mais o universo que cerca o poeta “é mecanizado e utilitário, mais ele o tenta transfigurar pelo sonho, criando uma expressão que desafia a subtileza dos hermeneutas de tipo lógico”. A ênfase do crítico na dimensão onírica do livro talvez soe estranha a leitores

de hoje, acostumados a ler em *O engenheiro* um momento decisivo de afirmação da lucidez. Mas, como já notou, na década de 60, José Guilherme Merquior (1972), a consolidação do apego à criação lúcida não implica, nesse livro, uma desvalorização automática do sonho, matriz de muitos poemas. Nemésio fecha o artigo situando o lirismo “intemporal e incondicionado por região ou lugar” de Cabral – e assim o é, efetivamente, até a publicação de *O cão sem plumas* [1950] – entre poetas autenticamente líricos como Cecília Meireles, Murilo Mendes, Ribeiro Couto e Jorge de Lima. Situar Cabral entre esses nomes então já reconhecidos, mais do que identificar-lhe uma família, a que, apesar da influência inicial de Murilo Mendes, o poeta iniciante já não pertence, é um modo de anunciar-lhe auspiciosamente um lugar no panorama da poesia contemporânea de então.

Vitorino Nemésio, o primeiro crítico português de Cabral, foi também romancista, poeta e um prestigioso professor, tendo sido, inclusive, o primeiro a lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Lisboa quando da criação da disciplina em 1957. Assim sendo, a história da recepção de Cabral em Portugal principia com um nome de importância, sempre atento à produção literária brasileira.

Depois desse artigo de Nemésio, ao longo dos anos 50, tem-se notícia de apenas uma publicação exclusiva sobre o poeta. Trata-se do artigo “A poesia, essa estranha invenção”, de autoria de João Gaspar Simões, publicado na revista *A manhã*, do Rio de Janeiro, em novembro de 1950. Nesse artigo, o crítico nota que Cabral transformou em lei o mandamento da modernidade de que o poeta deve fazer dos seus versos uma estranha invenção da própria poesia. Segundo o crítico, o título das obras de Cabral, de *Considerações sobre o poeta dormindo* a *O cão sem plumas*, “é um gráfico da própria marcha cem por cento autoconsciente da sua poesia no sentido de uma fabricação integral de ‘vazio’” (SIMÕES, 1950, p. 1). Nessa perspectiva, *O engenheiro* ainda apresentaria o poeta como fazedor, criador dos seus versos. Já *Psicologia da composição* representaria o ponto culminante rumo ao vazio, ao não fazer, enfim, à invenção da própria poesia. Se o crítico nota bem o momento de impasse representado por *Psicologia da composição*, não percebe, entretanto, a abertura processada em *O cão sem plumas* à impura e prosaica realidade exterior, pois, segundo ele, nesse livro, Cabral atinge a ambição da poesia pura.

Malgrado esse equívoco, esse artigo de Gaspar Simões representa um acontecimento digno de nota na recepção de Cabral porque constitui o reconhecimento do poeta, em um veículo da então capital brasileira, por parte de um crítico português considerado tanto no Brasil quanto em Portugal. Gaspar Simões se debruça sobre três importantes obras da trajetória de Cabral, apesar de elas terem tido uma tiragem bastante limitada. No caso dos livros de 1947 e 1950, estes foram impressos pelo próprio autor, ficando sua distribuição restrita sobretudo aos contatos do impressor e aos de alguns amigos.

A década em que Gaspar Simões publicou o seu artigo representa um momento importante na narrativa sobre a canonização de Cabral em Portugal porque nela se estreitaram suas relações com intelectuais desse país. Cabral conta que, entre 1950 e 1952, quando servia ao Consulado Geral em Londres, conheceu João Gaspar Simões e ficaram “bons camaradas” (MELO NETO, 1985 apud ATHAYDE, 1998, p. 140). Esse conhecimento pode ter sido o ponto de partida para o artigo atrás mencionado e para outros três que o crítico publicou na década seguinte. Ainda na Inglaterra, conheceu também Rubem Leitão, de quem ficou muito amigo e que lhe deu a ler “uma porção de poetas portugueses interessantes”. Entre esses poetas estava Sophia de Mello Breyner Andresen, de quem se tornaria amigo e era, para ele, “o grande poeta” da sua geração em Portugal. Na casa de Sophia, conheceu muita “gente de primeira qualidade”, como Alexandre O’Neill e Alexandre Pinheiro Torres, os responsáveis pela publicação de seus *Poemas escolhidos* pela Editora Portugália, seleta que terá um papel chave na difusão portuguesa do poeta.

Antes da ida para Londres, ainda em Barcelona, seu primeiro posto diplomático, Cabral travou, entre 1949 e 1950, uma assídua correspondência com o poeta português Alberto de Serpa, com quem publicou o único número da revista de poesia *O cavalo de todas as cores*³. Numa das cartas, datada de 19 de agosto 1950, pede ao amigo uma relação de confrades portugueses aos quais quer mandar *O cão sem plumas*: “gostaria que v. me mandasse nomes e endereços de alguns poetas e críticos portugueses capazes de se interessar pelo meu livro”. A justificativa para o pedido é a desatualização da sua lista: “a lista que eu tenho me foi dada há muitos anos, no Recife, pelo Manuel Anselmo. Mas desconfio que alguns já morreram e que muitos são

desinteressantes”. Essa informação merece destaque porque revela um desejo de Cabral de estabelecer uma interlocução com criadores e críticos portugueses, de ser lido e reconhecido em Portugal.

O poeta estava certo porque os contatos estabelecidos nos anos 50 tiveram desdobramentos, os quais, aliados a outros acontecimentos, confluíram para o *boom* da sua recepção crítica nos anos 60. Nesse período, um número expressivo de resenhas e artigos assinados por leitores abalizados, como Oscar Lopes (1963, 1966, 1968), Eduardo Prado Coelho (1963, 1967), João Gaspar Simões (1960, 1964a, 1964b), Arnaldo Saraiva (1966, 1967), entre outros, comprova o reconhecimento da crítica portuguesa à obra daquele que é um dos maiores e mais originais poetas brasileiros de todos os tempos.

Uma das razões a concorrer para esse *boom* é a publicação de obras de Cabral por editoras portuguesas, o que torna sua poesia mais acessível ao leitor do país e dá ensejo a um número expressivo de resenhas.

Em 1960, *Quaderna* é publicado pela Guimarães Editores, saindo só no ano seguinte no Brasil em *Terceira feira*. Arnaldo Saraiva (2014), hoje professor emérito da Universidade do Porto, conta que, conhecendo três ou quatro poemas de Cabral, tomou consciência do que a sua poesia representava com o livro de 1960: “só me dei conta de que se tratava de um poeta de exceção quando, em 1960, calou na Faculdade Letras de Lisboa, pude ler *Quaderna*, que acabara de sair em primeira edição na capital portuguesa” (SARAIVA, 2014, p. 95). Enquanto o então jovem estudante de Letras Arnaldo Saraiva descobre a excepcionalidade da poesia cabralina, o maduro crítico João Gaspar Simões (1960, p. 15) publica uma resenha no *Diário de Notícias*, de Lisboa, em que contempla *Quaderna* ao lado de *Tempo espanhol*, de Murilo Mendes, e principia destacando o empreendimento editorial português que convida brasileiros para figurarem ao lado de portugueses no inventário da “moderna poesia nacional”.

Três anos depois de *Quaderna*, a Editora Portugália publica os já referidos *Poemas escolhidos*. A seleção dos poemas foi feita por Alexandre O’Neill e o prefácio, assinado por Alexandre Pinheiro Torres. A publicação da seleta motivou um número considerável de resenhas bastante favoráveis, dos quais vale citar as palavras com que Oscar

Lopes abre sua recensão por serem elas exemplares do vivo entusiasmo causado pela poesia cabralina entre críticos portugueses:

Em doze anos de crítica literária regular, raras vezes me tenho entusiasmado deveras [...] raramente me entreguei a uma curiosidade ininterrupta, a pular por todos os cantos de uma obra recém-lida. E foi o que aconteceu agora ao completar a leitura de conjunto (embora em simples antologia) da obra do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto (LOPES, 1963, p. 6).

Além das publicações de *Quaderna* e dos *Poemas escolhidos*, um outro fator que contribuiu sobremaneira para a projeção de Cabral em Portugal foram as apresentações teatrais do poema dramático *Morte e vida severina*, realizadas pelo TUCA, grupo de Teatro da Universidade Católica de São Paulo. Em 1966, o TUCA recebeu, pela montagem do poema *Morte e vida severina*, musicado por Chico Buarque, o prêmio de crítica e público no *IV Festival de Teatro Universitário de Nancy*, na França. Esse Festival também premiou Cabral como o Melhor Autor Vivo. Após o Festival, o TUCA realizou apresentações em Lisboa, Porto e Coimbra. As encenações repercutiram como um verdadeiro acontecimento. Periódicos diversos publicaram artigos sobre o espetáculo. As revistas *Seara nova*, de Lisboa, e *Plano*, do Porto, organizaram dossiês com depoimentos e artigos, nos quais é evidente o impacto positivo causado pela representação. Se é verdade que esse impacto foi devido não somente ao texto encenado, mas à realização do espetáculo em si, com os atores, o cenário e a música de Chico Buarque, não se pode deixar de considerar que o acontecimento teatral pôs em evidência, para o público português, o poema *Morte e vida severina*, de um modo particular, e a poesia de Cabral, de um modo geral.

Uma terceira explicação para a recepção fortemente favorável à poesia de Cabral nos anos 60 parece estar ligada ao fato de o poeta fornecer uma realização esteticamente válida para uma questão que estava a incomodar artistas e críticos portugueses, pelo menos a partir do Neorrealismo, ou seja, o compromisso social explícito da literatura; questão que nem sempre encontrou as soluções poéticas mais felizes. No contexto do salazarismo, as atividades crítica e literária implicavam uma tomada de partido, um gesto de resistência. Cabral, ao realizar uma poesia que é, a partir de *O cão sem plumas*, simultaneamente, uma *mimesis* produtiva de uma dada realidade social e uma crítica da própria

linguagem de representação, uma poesia que incorpora, na própria linguagem de menos, uma realidade subtraída, representava uma solução exemplar para a questão da literatura empenhada⁴. Provavelmente por isso conseguiu ser apreciado por leitores tão diversos, como o presencista João Gaspar Simões e o crítico do Neorrealismo Alexandre Pinheiro Torres.

A capacidade da poesia cabralina de atender às expectativas de leitores de orientações críticas diversas é vista com perspicácia por Eduardo Prado Coelho numa resenha aos *Poemas escolhidos*, publicada na *Seara nova* em 1963. Prado Coelho diz que o poeta brasileiro “defende, nos seus próprios versos, uma estética realista” (COELHO, 1963, p. 227), a qual ressalta com nitidez que realismo não se confunde, como acontece, segundo o crítico, em demasia no Portugal de então, com uma poesia bem intencionada, de exaltada revolta social, mas implica o encontro de uma expressão estética adequada. Não se limitando ao plano das intenções, o realismo de Cabral é, segundo o autor citando Roland Barthes, ao mesmo tempo ideológico e semiológico, ou seja, um realismo que parte da própria linguagem. Prado Coelho diz que, desse modo, a obra do poeta constitui uma resposta à contradição há tempos enunciada por Mário Dionísio (apud COELHO, 1963, p. 227), segundo a qual o grande problema literário e artístico do realismo daqueles dias “refere-se precisamente à contradição inevitável que consiste em ser ele, de raiz, antiarte de vanguarda, e não ser possível no mundo de hoje [...] criar qualquer arte autêntica e portanto renovadora que não passe por uma atitude de vanguarda”. Segundo Prado Coelho, Cabral, ao criar um realismo que é ao mesmo tempo ideológico e semiológico, supera essa contradição dialética, criando uma poesia que agrada a realistas e vanguardista.

Apreciado por críticos e criadores de tendências distintas e até discordantes, sucesso junto a um público mais horizontal por meio das encenações de *Morte e vida severina*, publicado por editoras portuguesas, enfim, legitimado na terrinha, quando Cabral publica, no Brasil, *A educação pela pedra*, em 1966, o livro, pela ordem de dificuldade que impõe, não alcança, em Portugal, um público tão amplo quanto o auto de Natal, mas é rapidamente resenhado por leitores especialistas, entre os quais Arnaldo Saraiva (1967), Eduardo Prado Coelho (1967) e Óscar Lopes (1968).

Mas a história da canonização de Cabral em Portugal, que se cumpre nos anos 60, concomitante à institucionalização do poeta no Brasil, não estaria completa se desconsiderasse o papel nela exercido por outros poetas, os quais leram Cabral sobretudo por meio de poemas críticos⁵. Os bons poetas, que são normalmente bons leitores de outros poetas e, por conseguinte, críticos perspicazes, costumam exercer um papel significativo tanto na canonização de um escritor quanto na revisão do cânone. São sobretudo os poetas-críticos que imprimem uma vitalidade muito grande ao cânone poético, seja por revelarem um talento novo, seja por inserirem na tradição nomes negligenciados em que descobrem valores fundamentais para a compreensão de uma contemporaneidade estética e histórica.

Vários poetas portugueses escreveram poemas críticos sobre Cabral, entre os quais Sophia de Mello Breyner Andresen, Alexandre O'Neill, Armando Silva Carvalho, Jorge de Sena e Manuel Alegre. Entre todos, vale destacar, pela importância que tiveram na recepção do poeta brasileiro, Sophia Andresen e Alexandre O'Neill.

Cabral, como já referido, era amigo de Sophia e a considerava “o grande poeta” português de sua geração (1985 apud ATHAYDE, 1998, p. 140). A ela escreveu um elogio poético publicado em *A educação pela pedra* (MELO NETO, 2008, p. 113) e a evoca ainda em *Auto do frade* [1984] (MELO NETO, 2008, p. 447).

Sophia, por sua vez e antes de Cabral, provavelmente motivada pela edição portuguesa de *Quaderna* e tendo lido a poesia reunida do autor saída em *Duas águas* [1956], publicou, em 1960, na revista católica *Encontro*, um artigo que evidencia o deslumbramento nela exercido pela obra do poeta brasileiro⁶. No artigo, destaca aspectos hoje canônicos na descrição da poesia cabralina: o voluntarismo, a consciência, a arquitetura poética, a ausência de concessões ao público, a opção pelo difícil, a linguagem seca e certa, a economia de meios, a perfeição calculada, o gosto da ascese e a necessidade do concreto.

Cabral continuará sendo lido por Sophia, de outro modo, em *O Cristo Cigano*, livro que foi motivado pela lenda do Cristo Cachorro que o poeta teria contado a ela numa igreja de Triana, bairro cigano de Sevilha. *O Cristo Cigano* saiu em 1961, com uma dedicatória em verso a Cabral, o qual não só contou a lenda que sustenta o fio narrativo do livro, mas parece ter influenciado a sua própria fatura. Segundo Maria

Andresen Tavares (2014, p. 9), filha da poetisa, a mãe teria arredado esse livro deliberadamente de sua obra por um certo período por considerá-lo um objeto estranho na sua poesia em função da “fortíssima influência que nele sentia da poesia de João Cabral de Melo Neto”.

O Cristo Cigano merece destaque não pelo fato de a lenda contada por Cabral estar na gênese do livro, mas porque é exemplar de um outro modo de recepção do poeta brasileiro em Portugal, que é por meio da influência sobre outros criadores. Alexandre Pinheiro Torres (1984) escreve ter sido *Morte e vida severina* uma das mais poderosas influências na poesia portuguesa dos anos 60. João Gaspar Simões, por sua vez, defende que Cabral é mestre dos poetas jovens em função do seu construtivismo e não da despoetização da realidade e que o realismo cabralino, ao transparecer na obra de poetas portugueses jovens, se converte numa espécie de mero exercício poético, em que no lugar de antipoesia tem-se apoesia (SIMÕES, 1964a). Foge ao propósito deste trabalho desenvolver como se opera a influência de Cabral entre criadores portugueses, mas apenas constata-la como parte importante do processo de canonização do poeta.

Sophia continuará lendo Cabral, como quem persegue uma obsessão leitora ou uma paixão poética ainda não enunciada devidamente. Em 1989, 28 anos após a primeira edição de *O Cristo Cigano*, ela publica no livro *Ilhas* um poema sob o título “Dedicatória da terceira edição do *Cristo Cigano* a João Cabral de Melo”, a leitura crítica mais perspicaz que ela realiza do poeta brasileiro. Sophia parece ter precisado de anos para ver com exatidão a poesia do amigo, para realizar aquela que seria sua leitura definitiva do poeta. Se Cabral é e se quer lido como o poeta da imanência, da visão exata e da artesanaria do verso, no novo poema, Sophia, sem desconsiderar esses elementos, acrescenta a esse retrato apolíneo o que pertence ao reino de Dionísio, o que nasce do domínio técnico, mas está além dele, ou seja, a paixão da linguagem. Com isso, une o que Cabral se esforçou por separar como poeta e como crítico de si, como se pode ler nas estrofes finais do poema, em que a reconsideração do poeta brasileiro engloba também seu precursor português Cesário Verde: “Mas sua arte não é só/ Olhar certo e oficina/ E nele como em Cesário/ Algo às vezes se alucina/ Pois há nessa tão exacta /Fidelidade à imanência/ Secretas luas ferozes/ Quebrando sóis de evidência” (ANDRESEN, 2011, p. 757-758).

Esse poema crítico de Sophia é significativo porque Cabral, sempre o primeiro leitor dele mesmo, como todo grande criador, terminou estabelecendo o modo de a sua poesia ser lida. Esse modo de ler foi seguido pela crítica, inclusive pela própria Sophia no artigo de 1960, e terminou por se transformar, pela força da repetição, em verdadeiros truísmos, os quais, se não são inexatos, não dão conta das tensões que estão na base da poesia do autor. Nesse sentido, esse poema de Sophia é precursor de leituras mais recentes da poesia cabralina, publicadas tanto em Portugal quanto no Brasil, sobretudo, a partir do final dos anos 1990, em que se procura problematizar os lugares-comuns recorridos para caracterizar essa poesia. Entre essas leituras, ao menos sobre uma, Sophia parece ter exercido uma influência mais direta, que é a tese de Maria Andresen Tavares (1998), intitulada *Stevens, Ponge, João Cabral: entre as coisas e as palavras. Poesia e pensamento*. Analisando os autores eleitos separadamente, mas pelo viés comum da poesia das coisas, a maior contribuição da tese para os estudos cabralinos parece residir no fato de ela insistir nas tensões que estão na base da poesia do autor: “Qualquer definição afirmativa desta poesia requer um *mas* que, se não a denega, pelo menos faz emergir uma tensão” (TAVARES, 1998, p. 251)⁷.

Sophia teve ainda um papel importante na recepção de Cabral em Portugal porque na casa dela ele conheceu outros críticos e criadores que também se tornaram leitores de sua poesia, como é o caso de Alexandre O’Neill.

O’Neill publicou, no livro *Abandono vigiado*, de 1960, uma “Saudação a João Cabral de Melo Neto”. Essa saudação constitui a primeira leitura crítica portuguesa em verso do poeta brasileiro e é, ao lado da “Dedicatória à terceira edição do Cristo Cigano”, o poema crítico português mais perspicaz sobre a obra de Cabral.

A “Saudação a João Cabral de Melo Neto” compõe um ensaio construído de modo bastante organizado sobre o estilo do poeta brasileiro. O argumento de leitura do poema-ensaio é o prasaísmo da poesia cabralina, que encontra em Cesário Verde o seu antecedente: “mas de prosaico não foi chamado/ o nosso Cesário Verde?”. O’Neill limpa o termo de sentidos pejorativos (não o “que em verso é incapaz do verso”, ou seja, o que, escrevendo em verso, não faz poesia; não a poesia panfletária) e explica os significados assumidos por ele, entre os quais “matemático”,

“o não enfático”, “o que é a *palo seco*”, caracterizadores recorrentes do estilo cabralino. Mas ao fim desse poema que incorpora, em sua fatura, o próprio estilo prosaico do retratado, valorizando-o, O’Neill faz questão de sublinhar as diferenças entre a poesia de Cabral e a dele, advertindo, entretanto, no final do poema, que isso não é motivo para não o saudar:

Quanto a mim, ainda o bonito
me põe nervoso, o meu canito
ainda tem plumas – e lindas! –
e o meu verso deita-se muito,
não sobre a terra, mas em samaúmas,
já com bastante falta de ar...

Ó Poeta,
não é motivo para não o saudar! (O’NEILL, 2012, p. 151-153).

Digno de destaque é esse gesto de O’Neill, porque os poetas, de um modo geral, não costumam ser capazes de uma compreensão crítica em relação àqueles com quem não se identificam. Inclua-se aí o próprio Cabral, que, não obstante diga estar O’Neill entre os poetas portugueses da sua idade que mais o interessam e a ele tenha dedicado o antológico “Catar feijão”, sobre ele não escreveu um poema crítico, como o fez para criadores verdadeiramente de sua predileção.

Mas O’Neill, acima das diferenças poéticas, soube ler, admirar e descrever poeticamente o estilo de Cabral. Além disso, foi um dos maiores responsáveis pela divulgação de sua obra em Portugal, ao realizar a seleção dos textos que figuram nos *Poemas escolhidos*, antologia que teve, como já sublinhado, um papel fundamental no processo de difusão e reconhecimento da poesia cabralina na década de 60.

Do *boom* dos anos 60 à atualidade, registra-se uma crítica regular e sistemática sobre Cabral em Portugal, atestando que ele ainda continua uma tradição viva. Entre 1988 e 2005, foram defendidos 4 trabalhos acadêmicos, entre dissertações e teses, sobre o poeta⁸. Entre os críticos portugueses contemporâneos da poesia cabralina, além do veterano Arnaldo Saraiva, que publicou em 2014 um livro sobre o poeta reunindo trabalhos éditos e inéditos, destacam-se nomes como Rosa Maria Martelo, Abel Barros Baptista, Maria Andresen Tavares, Joana Matos Frias, Pedro Eiras e Carlos Mendes de Sousa.

Vale registrar que em 1986, Cabral teve sua poesia até então completa publicada pela Imprensa Nacional, Casa da Moeda e, em 1990, recebeu o Prêmio Luís de Camões, dois fatos que confirmam a reverência portuguesa ao poeta brasileiro.

Depois da morte do poeta, em 2000, a *Colóquio/Letras* consagrou-lhe um dossiê em que reúne documentos e artigos assinados por críticos de diferentes países, mas, sobretudo, portugueses e brasileiros, e constitui uma importante referência no âmbito dos estudos cabralinos.

Vale mencionar ainda uma edição de *A educação pela pedra* saída em 2006 pela Cotovia. Seguindo a composição gráfica da primeira edição do livro de 66^o e com posfácio de Carlos Mendes de Sousa, a publicação integra a coleção Curso Breve de Literatura Brasileira, dirigida pelo crítico, professor e investigador da Literatura Brasileira Abel Barros Baptista.

As relações de Cabral com críticos e poetas portugueses, sua canonização e projeção em Portugal, é fruto de um diálogo salutar entre esses dois países; diálogo para o qual contribuiu o ensino da literatura brasileira nas universidades portuguesas. Nesse sentido, pode ser que Cabral e a tradição brasileira, que é também uma tradição histórica e esteticamente importante para os portugueses, sofram as consequências da reformulação do ensino em Portugal e na Europa.

Se o cânone implica a existência de leitores e para eles existe, a sua sobrevivência depende também de sua manutenção nos currículos escolares. No caso da disciplina Literatura Brasileira, ela foi criada, em Portugal, apenas em 1957, na Universidade de Lisboa. Após o 25 de abril, passou a integrar o currículo de várias outras faculdades de Letras e teve uma ampliação relativa de sua carga horária em 1984, quando José Augusto Seabra era ministro da Educação. Entretanto, a disciplina sofreu, já no final do século XX, uma redução progressiva de seu espaço¹⁰. Com a Declaração de Bolonha, que começou a ser implantada na virada do século, talvez a situação do ensino da literatura brasileira em Portugal passe por um processo de maior acanhamento. Com a nova orientação, os cursos de Letras de países integrantes da União Europeia diminuíram seu tempo de formação para três anos, além de sofrerem outras consequências em função de ajustes econômicos decorrentes da crise que assola vários países europeus. O quadro atual do ensino da literatura brasileira em Portugal é assim sumarizado por Viviana Bosi:

o ensino regular de literatura brasileira restringe-se, no geral, a apenas um ou dois semestres dos cursos de Letras, o mais das vezes optativos, quando os há. Na maioria dos casos, o professor acumula outros cursos de literatura comparada, africana ou hispânica. Ou ainda, ensina literatura brasileira junto às demais literaturas e culturas lusófonas. Uma consequência adicional da criação de um “espaço europeu” de ensino universitário foi a concentração de interesses à volta da cultura europeia, em sua variedade e riqueza, o que trouxe benefícios para a formação dos estudantes locais, hoje mais cosmopolitas, mas afastou-os ainda mais do Brasil, agora distante (BOSI, 2015, p. 145).

Os críticos contemporâneos da poesia cabralina se formaram em um outro contexto de ensino da literatura brasileira em Portugal; contexto que, se nunca foi o ideal, ao menos propiciava um contato maior e mais efetivo com autores brasileiros. Considerando essa situação institucional, somada à falta de uma política governamental e editorial para difundir os bons escritores brasileiros em Portugal e à falta de prestígio social da literatura nestes tempos, a permanência da poesia de Cabral entre leitores portugueses ao futuro pertence e parece que está a depender de iniciativas individuais sobretudo de críticos, que são também professores, e de jovens poetas que nele porventura encontrem ou inventem um precedente da própria voz.

THE PROCESS OF CANONIZATION OF JOÃO CABRAL IN PORTUGAL

ABSTRACT

This article, originally presented as a lecture to a foreign audience, follows the process of canonization of Brazilian poet João Cabral de Melo Neto in Portugal. In order to do so, it restores significant parts of the Portuguese critical reception to Cabral's work and raises other information that helps to understand its institutionalization in the 60's. To conclude, it mentions contemporary critics of Cabral's work and inquires about the future reception towards his poetry considering the current context of education of Brazilian Literature in Portugal.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto, Critical reception, Portuguese criticism, Canon, Luso-Brazilian dialogues.

RESUMEN

Este artículo, presentado originalmente en una conferencia para un público extranjero, acompaña el proceso de canonización del poeta brasileño João Cabral de Melo Neto en Portugal. Para eso, recupera parte significativa de la recepción crítica portuguesa de Cabral y presenta otras informaciones que ayudan a entender su institucionalización en los años 1960. Finalmente, diserta sobre críticos contemporáneos de la poesía cabralina y discute la recepción futura de esa poesía, considerando el actual contexto de la enseñanza de la literatura brasileña en Portugal.

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo Neto, Recepción crítica, Crítica portuguesa, Canon, Diálogos luso brasileños.

NOTAS

- 1 Este texto, em versão resumida, foi apresentado, originalmente, na mesa-redonda plenária “(Dis)costruzione del cânone, una sfida o una necessità dela letteratura?”, ocorrida no âmbito do Congresso Internacional *Culture e letterature in diálogo: identitá in movimento*, realizado de 12 a 14 de maio de 2016, na Università degli Studi di Perugia, Itália. Para a participação nesse evento contei com o auxílio financeiro da FAPEG, instituição a que agradeço. O texto recupera parcialmente informações contidas no artigo “A recepção de João Cabral de Melo Neto pela crítica portuguesa: de Vitorino Nemésio aos anos 60”, do livro *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias*, organizado por Francisco Topa, Joelma Santana Siqueira e por mim (2016). Entretanto, como se trata de livro com circulação restrita a Portugal, a recuperação desses dados neste artigo, acrescidos de outras informações e considerações, fica justificada.
- 2 As datas colocadas entre colchetes referem-se ao ano da primeira edição da obra e não remetem às referências finais. As datas colocadas entre parênteses constituem dado de referência no corpo do trabalho e remetem às referências completas ao final do trabalho.

- 3 As cartas, microfilmadas, encontram-se no espólio de Alberto de Serpa na Biblioteca Municipal do Porto. No momento, trabalho com o professor Arnaldo Saraiva na organização dessas cartas para publicação.
- 4 Devo a ideia dessa terceira explicação a uma agradável conversa com Rosa Maria Martelo.
- 5 Conforme mencionado, Vitorino Nemésio, o primeiro crítico português de Cabral, foi também poeta. Sobre ele diz Cabral numa entrevista de 1987: “em Portugal, há um grande poeta quase esquecido: Vitorino Nemésio” (1987 apud ATHAYDE, 1998, p. 141).
- 6 Devo a leitura desse artigo à Rosa Maria Martelo, que dele me ofertou, generosamente, uma cópia.
- 7 Outros críticos portugueses contemporâneos como Abel Barros Baptista (2000) e Rosa Maria Martelo (2005) têm proposto interpretações instigantes à poesia cabralina, problematizando e tensionando o construtivismo e/ou o realismo do poeta. Entretanto, acompanhar esses críticos foge ao escopo deste trabalho.
- 8 Martelo (1989 [defendida em 1988 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto/FLUP]), Afonso (1995 [defendida em 1993 na Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Braga]), Tavares (2001 [defendida em 1998 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/FLUL]) e Aertes (2005), que defendeu dissertação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/FLUL.
- 9 Como se sabe, na primeira edição de *A educação pela pedra*, cada poema, sempre composto por duas estrofes, ocupa duas páginas, com a primeira estrofe na página par e a segunda na página ímpar; divisão gráfica que, não seguida em edições brasileiras posteriores, é importante por integrar o propósito arquitetônico do livro e reforçar visualmente o tipo de articulação processada entre as estrofes de cada poema.
- 10 Para se acompanhar a história da disciplina Literatura Brasileira em Portugal, de sua criação a 1999, veja-se o ensaio “Os estudos de Literatura Brasileira nas universidades portuguesas”, de Arnaldo Saraiva (1999).

REFERÊNCIAS

- AERTS, L. *Paisagens com figuras espanholas na poesia de João Cabral de Melo Neto*. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos, Área de Especialização em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.
- AFONSO, A. J. F. *João Cabral: uma teoria da luz*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1995.
- ANDRESEN, S. de M. B. A poesia de João Cabral de Melo Neto. *Encontro*, n. 28, p. 12, abr. 1960.
- _____. Dedicatória da segunda edição do “Cristo cigano” a João Cabral de Melo Neto. In: _____. *Obra poética*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2011. p. 757-758.
- ATHAYDE, F. (Org.). *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- BAPTISTA, A. B. Ortopedia do símile. Segunda leitura: “A educação pela pedra”. In: _____. *O livro agreste*. Campinas: Unicamp, 2005. p. 195-204; p.177-193.
- BOSI, V. Cabral aporta em Portugal: poesia brasileira lida pela crítica portuguesa atual. *Abril*, Niterói, v. 7, n. 15, p. 143-160, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaabril.uff.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- COELHO, E. P. João Cabral de Melo Neto, “Poemas escolhidos”. *Seara nova*, Lisboa, p. 227, dez. 1963. Livros.
- _____. “A educação pela pedra”, poemas de João Cabral de Melo Neto. *Diário de Lisboa*, p. 2-8, 20 abr. 1967. Livros & autores; apreciações críticas.
- LOPES, O. João Cabral de Melo Neto, poesia escolhidas. *O comércio do Porto*, p. 6, 10 dez. 1963. Cultura e arte. A crítica do livro.
- _____. Morte e vida severina, o espetáculo do TUCA. *Plano*; cadernos antológicos de cinema e teatro, Porto, n. 4, p. 64-65, out. 1966.
- _____. João Cabral de Melo Neto, educação pela pedra. *Comércio do Porto*, p.13-23, jan. 1968. Cultura e arte. A crítica do livro.
- MARTELO, R. M. *Estrutura e transposição: invenção poética e reflexão metapoética na obra de João Cabral de Melo Neto*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1989.

_____. Amostras do mundo: uma leitura. *Colóquio/Letras*, Paisagem Tipográfica: homenagem a João Cabral de Melo Neto, n. 157/158, p.241-255, jul./dez. 2000.

MELO NETO, J. C. *Quaderna*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.

_____. *Poemas escolhidos*. Seleção de Alexandre O'Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Portugália, 1963.

_____. *Poesia completa*. Prefácio de Óscar Lopes. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

_____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

MERQUIOR, J. G. “Nuvem civil sonhada” – ensaio sobre a poética de João Cabral de Melo Neto. In: _____. *Astúcia da mimese* (ensaios sobre lírica). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972. p.69-172.

NEMÉSIO, V. Poesia “engenhosa”. *Diário popular*, Lisboa, p. 5, 15 jun. 1949.

O'NEILL, A. Saudação a João Cabral de Melo Neto. In: _____. *Poesias completas*. Assírio e Alvim, 2012. p.151-153.

PLANO. O TUCA no Porto. *Plano*: cadernos antológicos de cinema e teatro, Porto, n. 4, p. 58-67, out. 1966.

SARAIVA, A. Um grande acontecimento teatral. Morte e vida severina de João Cabral de Melo Neto. *Jornal de letras e artes*, Lisboa, p. 5-15, 5 jan. 1966.

_____. O último livro de João Cabral de Melo Neto. *Artes e letras*, Lisboa, p. 13-14, ep. 19 jan.1967.

_____. Os estudos da literatura brasileira nas universidades portuguesas. *Terceira margem*, Porto, n. 2, p.7-9, 1999.

_____. *Dar a ver e a se ver no extremo*: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto. Porto: CITCEM, Edições Afrontamento, 2014.

SEARA NOVA. “Morte e vida severina”. *Seara nova*, Lisboa, p. 213-215, jul. 1966.

SIMÕES, J. G. A poesia, essa estranha invenção. *Letras e artes*: suplemento de “Amanhã”, Rio de Janeiro, ano 4, n. 185, p.1-10, 19 nov. 1950.

_____. “Quaderna” e “Duas águas”; poemas reunidos, por João Cabral de Melo Neto. *Diário de notícias*, Lisboa, p. 15-19, 9 jun. 1960. Crítica literária.

_____. “Poemas escolhidos”, por João Cabral de Melo Neto. *Diário de notícias*, Lisboa, p.15-16, 1 jan. 1964a. Crítica Literária.

_____. A xácara e a razão matemática na voz de João Cabral de Melo Neto e de Mário Saa. In: _____. *Literatura, literatura, literatura... De Sá de Miranda ao concreto brasileiro*. Lisboa: Portugália, 1964b. p. 341-345.

TAVARES, M. A. de S. *Stevens, Ponge, João Cabral: entre as coisas e as palavras. Poesia e pensamento*. 1998. 426f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.

_____. *Poesia e pensamento: Wallace Stevens, Francis Ponge, João Cabral de Melo Neto*. Lisboa: Caminho, 2001.

_____. Nota à quinta edição de “O Cristo cigano”. In: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O Cristo cigano*. Porto: Assírio & Alvim, 2014. p. 9-11. TOPA, F.; SIQUEIRA, J. S.; YOKOZAWA, S. F. C. *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias*. Porto: CITCEM/Edições Afrontamento, 2016.

TORRES, A. P. João Cabral de Melo Neto. In: _____. *Antologia da poesia brasileira (de Padre Anchieta a João Cabral de Melo Neto): os modernistas*. Porto: Lello & irmãos, 1984. v. III. p.1051-1165.

Submetido em 21 de dezembro de 2016.

Aceito em 30 de janeiro de 2017.

Publicado em 12 junho de 2017.
